

SARAH
ADDISON
ALLEN

AMOSIRA

OUTROS
PÁSSAROS

Tradução de **Celine Salles**



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

Esta é uma obra de ficção...

AMOSTRA

*Dedicado à memória da minha mãe,
que me ensinou que comida é amor.
Foi a primeira e a melhor mágica que eu jamais conheci.*

*E à memória da minha irmã, que veio
antes de mim e iluminou o caminho.*

AMOSTRA

Histórias não são ficção. Histórias são tecido.
Elas são os lençóis brancos nos quais envolvemos
nossos fantasmas para que possamos vê-los.

— ROSCOE AVANGER, *Sweet Mallow*

AMOSTRA



Capítulo Um

A gaiola de vime vazia que estava ao seu lado começou a chacoalhar, impaciente. Zoey olhou para ela com rispidez, como se quisesse dizer que estavam quase lá. A gaiola parou.

Zoey deu uma olhada no motorista do táxi, para ver se ele tinha notado. O senhor de barriga saliente estava observando-a pelo retrovisor, com as sobrancelhas levantadas. Vários segundos se passaram, e ele continuava olhando-a fixamente, o que ela achou inquietante, porque os olhos dele realmente deveriam estar voltados para a extensa ponte sobre a água. Mas ele parecia esperar uma resposta.

— Você disse alguma coisa? — perguntou Zoey. Ele não tinha falado nada desde o *Vai pra onde?*, quando a havia buscado no aeroporto.

— Eu perguntei se esta é a sua primeira visita a Mallow Island.

— Ah — respondeu ela. — Sim.

A gaiola chacoalhou, discordando, mas dessa vez ela ignorou. Era a sua primeira visita. A primeira visita de que ela conseguia lembrar, de qualquer forma.

— Veio a turismo?

— Estou me mudando para cá. Começo a faculdade em Charleston, no outono.

— Bom — disse ele, alongando a palavra como uma melodia. — Não ouço falar de muitas pessoas se mudando pra



Mallow Island. É mais um lugar turístico, por conta daquele livro do Roscoe Avanger. Você conhece?

Zoey aquiesceu, agora distraída porque a pequena ilha marítima tinha acabado de surgir no horizonte, e ela não queria perder nenhum momento disso. A ilha se levantava das águas costeiras pantanosas como uma criatura marinha preguiçosa tomando banho de sol e sem nenhuma preocupação no mundo.

E, quanto mais eles se aproximavam, mais a animação dela crescia. Estava realmente acontecendo.

Assim que saíram da ponte, o motorista dobrou à esquerda e prosseguiu por uma rodovia de duas faixas que contornava o perímetro da ilha. A água, densa pela vegetação juncosa, ficava a centímetros do pavimento. Mas não parecia incomodar os motoristas dos carros com placas de outros estados. Eles se moviam com rapidez e confiança, seguindo placas decorativas de metal que diziam:

RESORT MALLOW ISLAND: 5 KM À FRENTE

PAVILHÃO DO AÇÚCAR: 3 KM À FRENTE

HISTÓRICA RUA DO COMÉRCIO: PRÓXIMA À DIREITA

Temendo que ele perdesse a curva, Zoey estava a ponto de indicá-la ao motorista, mas ele já tinha acionado a seta. Ela se sentou na beira do assento, sem saber para onde olhar primeiro. Se não soubesse que, há mais de cem anos, Mallow Island tinha sido famosa por seu marshmallow, a rua do Comércio teria deixado isso muito claro imediatamente. As calçadas estavam repletas de turistas tirando fotos de prédios antigos e estreitos, pintados em tons pastel já desbotados. Praticamente todos os restaurantes e confeitarias tinham uma lousa de giz com um item contendo marshmallow no cardápio — pipoca com marshmallow, leite achocolatado servido em xícaras de marshmallow tostado, fritas de batata-doce com molho de marshmallow.

Zoey abriu a janela, e uma mistura espessa do sal do Atlântico com o açúcar das confeitarias entrou, trazida pelo vento. Era estranho, tanto quanto familiar. Ela imaginou se o aroma estava trazendo à tona uma memória da sua infância, há muito esquecida. Mas foi difícil se lembrar de algo, pois, como muitas das coisas que diziam respeito à sua mãe, a memória era mais um desejo do que realidade.

— Tem certeza de que o lugar que você procura fica na rua do Comércio? — perguntou o motorista, freando bruscamente quando um turista deslumbrado decidiu atravessar a rua sem olhar. Zoey teve que esticar o braço para evitar que a gaiola ao seu lado tombasse. Pomba estaria seriamente irritada quando Zoey enfim a soltasse. — Esta é uma área comercial, não residencial.

Preocupada por talvez ter entendido errado algum detalhe, Zoey vasculhou sua mochila para encontrar o pedaço de papel no qual tinha escrito a informação.

— Sim — respondeu, lendo a anotação. — O lugar se chama Apartamentos Alvorocreiro. O síndico disse que a esquina não estaria sinalizada, mas que era para entrar no beco ao lado da Confeitaria Açúcar e Afeto e que já seria ali.

Era a esperança, de qualquer jeito. Se isso não desse certo, não existia plano B. Ela estaria presa ali, sem lugar para morar durante o verão.

O motorista deu de ombros enquanto eles se arrastavam pelo trânsito congestionado. Ele encontrou a confeitaria — um prédio da cor de confeito rosado com friso branco descascado que parecia glacê — e virou. O beco era obscurecido pelas sombras dos prédios vizinhos, o que não era um bom presságio de que haveria algum lugar habitável ali atrás. Bem quando Zoey começava a pensar que tinha sido alvo de uma piada colossal e que seu pai e sua madrasta estavam agora se fartando de rir, o beco se abriu, e ele surgiu — um antigo edifício de pedra no formato de ferradura. Um portão de ferro forjado era a única entrada e dava ao lugar uma atmosfera de mistério



mágico, provavelmente desnorteando qualquer um que porventura fizesse uma curva errada e entrasse nesse beco sem saída.

Era menor do que Zoey havia achado que seria. Todas as histórias que ela ouvira seu pai contar sobre a mãe tiveram como prefácio o amor dela por dinheiro e as suas maneiras ardilosas de obtê-lo, então esse não era um lugar em que ela alguma vez pensaria que a sua mãe desejaria estar — pequeno, silencioso e escondido. Ela sentiu um leve arrepio de felicidade. Já estava aprendendo algo novo.

— Hum. Quem ia imaginar que isso estaria aqui atrás? — perguntou o motorista. — Como você descobriu esse lugar?

— Minha mãe morava aqui — respondeu Zoey, entregando o dinheiro a ele. Então ela pegou a mochila e a gaiola de vime e saiu.

Ela ficou de costas para o táxi, de propósito, enquanto ele se afastava. Logo que não conseguiu mais ouvi-lo, olhou sobre o ombro para garantir que ele tinha ido embora e abriu a gaiola. Ela sentiu Pomba passar com asas raivosas.

Zoey respirou profundamente para se acalmar e caminhou até o portão, que tinha uma placa de latão desgastada que dizia O ALVOROCEIRO. Ela o empurrou para abrir, e as dobradiças chiaram, transpassando o silêncio. À sua frente havia um jardim central pequeno e abandonado. Ela entrou e seguiu um caminho de tijolos ladeado por árvores baixas, com cachos de flores desproporcionalmente grandes em forma de sino. Elas exalavam um aroma enjoativo, como um frasco derubado de perfume. Sua mochila raspou em uma das árvores quando ela passou, e de repente um turbilhão de minúsculos pássaros azul-turquesa saiu voando.

Com um gritinho de surpresa, Zoey correu pelo restante do caminho até a base do U que formava o prédio e subiu na calçada, em frente a uma porta marcada com ZELADOR. Os passarinhos pousaram na calçada e começaram a saltitar em volta dela de uma forma perturbadora.



Eram umas coisinhas extraordinárias, alguns não maiores do que caixas de anéis. Zoey observou um deles encontrar o cadarço do seu sapato e puxá-lo com seu bico da cor de raspadinha de laranja.

— Não faça isso, por favor — falou, não querendo se mover por receio de ferir o passarinho. Então perguntou a Pomba: — Você pode dizer para ele parar?

Pomba arrulhou alto do jardim, como se para dizer que a ideia não tinha sido dela e que Zoey tinha que se virar sozinha.

Zoey bateu à porta do zelador, ainda observando os pássaros. Quando a porta abriu, ela ergueu a cabeça e viu um homem negro e idoso que vestia jeans desbotados e uma camisa cáqui de botões. Ele tinha uma barba branca longa, amarrada no queixo com um elástico, como um pirata. Os passarinhos pareceram entender que a porta aberta era um convite e entraram pulando no escritório.

O homem só ficou ali, parado. Seus olhos castanhos lacrimejantes, ampliados pelas lentes dos óculos quadrados, estavam focados sobre os ombros dela, em algo no jardim. Zoey teve que resistir ao desejo de acenar com a mão na frente do rosto dele para ver se ele, na verdade, conseguia vê-la.

— Olá — disse ela, enfim. — Você é o Frasier?

Ele a encarou abruptamente e deu uma risada rouca.

— Perdão. Sim. E você deve ser a Zoey. Bem-vinda.

— Obrigada. — Ela apontou com o dedo para dentro do escritório. — Hum, eles deveriam estar fazendo isso?

Ele se virou e viu que os passarinhos estavam sobre a sua escrivaninha, espalhando papéis e lápis.

— Ei, agora venham. Saiam daí — falou, espantando-os enquanto abria uma gaveta e pegava um molho de chaves. Zoey entrou quando ele afugentou o bando e fechou a porta. — Eles são meio mimados e ótimos bandidinhos. Se você perder alguma coisa, me avise. Eu guardo uma caixa com as coisas que encontro nos ninhos deles.



— De que espécie eles são? — perguntou Zoey, vendo os passarinhos gorjearem reclamações de lá para cá, uns aos outros, enquanto saíam pulando para o jardim.

— São chamados de alvoroceiros. São nativos da ilha. O homem que reformou o edifício, há alguns anos, encontrou ninhos aqui e batizou o lugar com o nome deles. Não foi muito criativo, mas adequado, eu acho. — Ele levantou as chaves. — Pronta para ver seu apartamento?

Zoey aquiesceu, perguntando-se qual das unidades do térreo era a dela. Parecia que havia apenas cinco apartamentos — duas unidades térreas em cada lado do U, e uma unidade acima do escritório de Frasier, na dobra do U, no segundo andar. Uma escada caracol de metal conduzia à varanda, como um longo cabelo ondulado.

Ela ficou surpresa quando Frasier foi até as escadas e começou a subir e se apressou a segui-lo, com a mochila em uma mão e a gaiola na outra.

— Este lugar não é o que eu esperava — falou, subindo as escadas.

Frasier parou na varanda e aguardou a chegada dela.

— As melhores coisas nunca são. Eu queria poder voltar no tempo e ver o lugar pela primeira vez. — Ele a observou, com os olhos amplificados, enquanto ela alcançava a varanda e absorvia a vista. — Esta foi a única estrutura que sobreviveu depois que todas as casas da ilha queimaram durante a Guerra Civil. As lojas da rua do Comércio foram construídas mais tarde, na frente do prédio, que ficou aqui quietinho, por anos, esquecido por todos à exceção dos passarinhos. Por um período, foi uma estrebaria. Você pode ver onde eram as portas dos estábulos lá embaixo, onde agora estão as portas dos terraços. A sua quitinete, aqui, era o depósito de feno.

Zoey virou-se para ele, surpresa. A mãe dela tinha vivido em um *depósito de feno*? Nem em seus sonhos mais loucos ela teria imaginado isso.

Naquele momento, as portas de vidro de um dos terraços foram escancaradas, e delas saiu uma mulher na casa dos 40



anos, de cabelos escuros e ensebados. Parecia que tinha secretamente assaltado a cesta de roupa suja de alguém, pois vestia uma saia em cima de um par de calças e o que pareciam ser três camisas diferentes, mal abotoadas, uma em cima da outra. Ela encarou Zoey com olhos verdes protuberantes que a deixavam com uma aparência ligeiramente enlouquecida.

— O que você está fazendo? — gritou a mulher. — Quem é você?

— Esta é Zoey Hennessey — respondeu Frasier. Zoey aceitou para ela, com timidez. — Eu te contei sobre ela hoje de manhã. É a nossa nova moradora.

— Não gosto disso! Não gosto nem um pouco! — Ela apontou para Zoey. — Sem barulho! Ouviu? Estou tentando encontrar a história que eu perdi. Está aqui, em algum lugar, e eu não consigo me concentrar com toda essa atividade!

Ela se virou e voltou para dentro.

— Essa é Lizbeth Lime — comentou Frasier, antes que Zoey tivesse a chance de perguntar. — Você vai se acostumar com ela. Todos nos acostumamos. O resto do grupo é tranquilo. Ao lado dela mora a Charlotte Lungren. Ela é artista. Do lado oposto do jardim, mora o Mac Garrett. Ele trabalha à noite. E, do lado dele, mora a Lucy Lime, que é irmã da Lizbeth. — À vista da inquietação óbvia de Zoey com a perspectiva de ter outra versão de Lizbeth vivendo ali, Frasier sorriu e disse: — Não se preocupe. Lucy não reclama de nada. Ela nunca sai do apartamento.

— Nunca?

Frasier balançou a cabeça.

— Ela não gosta de estar na companhia de pessoas.

— Nem mesmo da irmã?

— Especialmente da irmã. Ela pede mercado e farmácia para entrega, inclusive. — Ele se virou para destrancar as portas da varanda. — Falando de entregas, suas caixas chegaram de Tulsa, ontem. Mandei colocarem dentro do apartamento para você.



Frasier entrou e estendeu o braço para alcançar o interruptor na parede. Um lustre de cristal se acendeu, inundando o cômodo com uma luz irregular. O edifício revelou-se como um geodo — pedregoso por fora, mas cintilante com uma inesperada decadência por dentro.

Era pequeno, só um quarto. Os móveis estavam cobertos com lençóis brancos, mas tudo mais que ela conseguia ver era adorável — o piso de parquê dourado, as vigas caídas brancas e o longo balcão da cozinha na parede mais distante, que exibía eletrodomésticos cafonas de um rosa desbotado.

— Pensei em deixar tudo descoberto para você, mas imaginei que seria algo que gostaria de fazer por conta. — Ele entregou as chaves a ela. — Se tiver qualquer pergunta, é só falar. Estou aqui todos os dias, até às cinco.

Pomba entrou voando, trazendo com ela uma onda do perfume das estranhas flores das árvores. Perguntas. Sim, Zoey tinha perguntas. Centenas delas. Mas a única coisa em que conseguiu pensar foi:

— O que são aquelas árvores no jardim?

— Brugmânia. Alguns chamam de trombeta de anjo. O homem que reformou o lugar plantou vários arbustos e árvores diferentes para ver qual era o tipo preferido dos passarinhos. Ele disse que era o mínimo que podia fazer, já que tinha que despejá-los dos seus ninhos nas baias dos cavalos. Eles gostaram mais da brugmânia.

Pomba contornou o quarto, impaciente. Ela fez a fragrância circular como um ventilador de teto.

— As flores têm um cheiro muito forte.

— Podia ser pior. — Frasier deu de ombros ao sair. — Os passarinhos podiam ter preferido a espanta-lobos.

Um sorriso se formou devagar nos lábios de Zoey enquanto Pomba sobrevoava a sua cabeça. Estavam finalmente aqui, então. Ela soltou a mochila e a gaiola e, com gestos grandiosos, imediatamente começou a tirar os lençóis dos móveis. Em um dos lados do quarto havia um exagerado sofá de couro branco, uma mesa de centro de tampo de vidro e duas poltronas. Do



outro lado, havia uma cama branca, uma mesinha de cabeceira e uma cômoda alta.

Zonza com a possibilidade de tudo que podia descobrir, Zoey começou a vasculhar as gavetas e armários.

Mas estavam todos vazios.

O guarda-roupas também estava vazio, à exceção de um conjunto de lençóis cor-de-rosa e toalhas de banho.

Com o pânico se instalando, ela deu uma segunda volta pelo quarto para se certificar, mas não tinha absolutamente nada de pessoal da mãe ali. Nada. Nem mesmo embaixo do colchão ou entre as almofadas do sofá. Não havia fotos, nenhum livro com orelhas nas páginas, nenhuma carta escrita pela metade, nem agendas telefônicas velhas ou roupas deixadas no guarda-roupa. Havia apenas esses móveis cobertos de poeira, novos e impessoais, como se sua mãe tivesse redecorado o lugar logo antes de morrer, há doze anos.

Zoey sentou-se no sofá duro de couro e olhou em volta, perplexa.

À sua direita estavam as caixas que tinha enviado pelo correio alguns dias atrás. Elas continham livros e roupas, os únicos itens que quis trazer consigo de sua vida antiga. Tinha dito a ela que o apartamento da sua mãe era mobiliado, então deixara toda a mobília do seu quarto para trás, em Tulsa. Mais cedo, naquela manhã, quando o Uber que a levaria para o aeroporto chegou, o caminhão de uma instituição de caridade já estava parado na entrada da garagem para levar tudo embora. Sua madrastra, Tina, cronometrara todo o processo.

Zoey não tinha se surpreendido. Tina vinha falando há meses sobre transformar o quarto de Zoey em um ateliê. Tinha até um nome para ele: País das Maravilhas.

“Mal consigo esperar para começar a trabalhar no País das Maravilhas.”

“Aquele quarto é perfeito para o País das Maravilhas.”

“Zoey, comece a empacotar as coisas para que eu possa começar o trabalho no País das Maravilhas assim que você sair.”



Zoey finalmente pegou a mochila e esvaziou seu conteúdo na mesinha de centro, à sua frente. Eram coisas que ela não queria arriscar enviar pelo correio — notebook, tablet, celular, documentos importantes e uma pequena caixa de madeira na qual ela guardava os poucos e preciosos itens que tinha da mãe.

Ela abriu a caixa e pegou a única foto. Nela, Paloma calçava sapatos vermelhos e usava um rabo de cavalo alto e escuro que pendia como um ponto de interrogação da parte de trás da cabeça. Com a franja curta e as sobrancelhas arqueadas, teria precisado apenas de uma echarpe em volta do pescoço e de uma bicicleta com cestinha para parecer algo saído de um filme antigo. Zoey não sabia quando a foto tinha sido tirada. Quando Zoey perguntou, anos atrás, seu pai dera uma olhada rápida e disse que não se lembrava. Mas ela sabia que não devia ser muito depois de Paloma ter emigrado de Cuba. Zoey conhecia a história de cor e costumava recitá-la para si mesma repetidamente, quando era criança, às vezes encenando-a em seu quarto. Paloma e seu irmão foram criados pelo avô, que era criador de pássaros. Quando ele morreu, Paloma e o irmão decidiram sair de Cuba em um pequeno barco. Houve uma tempestade horrível, e o irmão morreu. Então, Paloma flutuou a esmo sobre o barco emborcado por três dias até que pescadores a encontraram. Ela parecia tão jovem na foto, jovem demais para estar por conta própria, jovem demais para se juntar com o pai de Zoey, que era muito mais velho, quando chegou nos Estados Unidos. Paloma viveu ali, na Carolina do Sul, por quatro anos antes de o pai de Zoey se aposentar e eles se mudarem para Tulsa, cidade natal da família dele. Mas Paloma voltava com frequência com a filha bebê, algumas vezes para ficar semanas nesse mesmo apartamento que ganhara do pai de Zoey — como um presente extravagante — no início do seu relacionamento.

Zoey levantou-se e foi até a geladeira cor-de-rosa. Ela prendeu a foto ali, com o ímã promocional de uma loja de eletrodomésticos local. Não tinha comido nada o dia inteiro, pois



estava animada demais, e automaticamente buscou o puxador prateado da geladeira para abrir a porta. Observou o interior vazio, percebendo que precisava fazer compras e que não tinha a mínima ideia de onde fazer isso.

Ela fechou a porta e apoiou a testa nela, sentindo-se repentinamente muito sozinha.

Mas ela era capaz de fazer isso.

E *faria*.



Já passava da meia-noite, mas Zoey não tinha se mexido; continuava sentada na varanda, com as costas apoiadas na parede. O ar úmido quase tinha uma textura e estava estranhamente parado.

“Deus está prendendo a respiração.”

A mãe de Zoey costumava sussurrar isso para ela, em seu sotaque misterioso, quando o vento parava de forma abrupta e tudo ficava quieto por um momento, quase como se ela fizesse isso acontecer. Zoey tinha a vaga sensação de que sua mãe tinha um enorme poder criativo, como se para ela não existisse o véu entre o que é real e o que não é. Tudo coexistia.

Os quatro vizinhos de Zoey estavam em casa agora. Ela tinha acabado de ver o homem do trabalho noturno, Mac, chegar. Quadrados de luz que saíam da porta dele se espalhavam pelo terraço. Do outro lado do jardim, Charlotte, a artista, já tinha ido dormir, ao que tudo indicava com o jovem que levaria para sua casa mais cedo. Zoey observava da varanda quando Charlotte fez um sinal para o jovem ficar quieto enquanto entravam no jardim. Ela tinha apontado para o apartamento da Lizbeth Lime, como se não quisesse que algum barulho chamasse a atenção da vizinha.

Quanto à própria Lizbeth, ainda estava acordada, com todas as luzes acesas. As luzes do apartamento da irmã, Lucy, estavam apagadas, mas a energia de uma pequena brasa laranja